

De Profundis

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

De Profundis

2011

Muñoz Soler, Ramón Pascual _ 1919 - 1999
De Profundis / Ramón Pascual Muñoz Soler
Edição do Autor – 2011

Título original: *De Profundis*

1. Mística 2. Transcrição Biológica da Evolução Espiritual
3. Funções de Síntese

Página web: www.egoencia.uno

Tradução para o Português e capa: equipe VL

Edição do Autor - 1ª edição

Índice

PRINCIPIUM-CONSUMMATUM	6
<i>PRE-LUDERE</i>	7
<i>RETIRADA DO MESTRE</i>	7
<i>DESDE OUTRO ESTADO DA MATÉRIA</i>	9
Já não há tempo para sonhos.....	9
Cerimonial de fogo na noite sem estrelas	13
Transmutação alquímica da matéria no drama sacrificial de nosso tempo.....	17
<i>DESDE OUTRO SIGNO DO TEMPO</i>	22
Quando o Não-tempo da Revelação irrompe no tempo da história.....	25
<i>DESDE OUTRO RITMO DO CORAÇÃO</i>	28
NA FRONTEIRA DO LOGOS RACIONAL: MUITAS PERGUNTAS E POUCAS RESPOSTAS.....	37
<i>ATÉ 1968 AINDA PENSÁVAMOS QUE PODÍAMOS TRANSFORMAR O MUNDO</i>	38
Reflexões à borda do abismo	41
A REVELAÇÃO QUE PRO-VEM E QUE HOJE SE OCULTA A NOSSO OLHAR MARCA A PAUTA, O RITMO, O CÓDIGO DA REVOLUÇÃO QUE VEM	45
<i>ANTES DE TODA PALAVRA, UM SILÊNCIO, UMA REVERÊNCIA, UM CANTO AO LOGOS QUE ADVÉM</i>	46
<i>Agora é mais difícil: toda a Terra está ocupada</i>	48
O meio cósmico variou	51
<i>CUSTODIAR O LUME</i>	54
<i>TRANSFIGURAÇÃO IN-VERSA</i>	56
<i>É “OUTRA” A TEORIA DA REVOLUÇÃO</i>	60
<i>NA VANGUARDA DE INSUSPEITADOS ACONTECIMENTOS</i>	63
<i>PRINCIPIUM CONSUMMATUM</i>	67

DE PROFUNDIS

E os livres do mundo respondem...
Hino Nacional Argentino

PRINCIPIUM-CONSUMMATUM

O Princípio e o Fim

O Céu e o Inferno

Einstein e Planck

A Luz e a Sombra

O Canto das Musas

E a Geometria da Vida

PRE-LUDERE

As coisas profundas são ditas no instante da partida.

RETIRADA DO MESTRE

*“Já vos ensinei
tudo o que tinha a
ensinar”*

Durante vinte anos, caminhei pelo deserto meditando sobre o sentido destas palavras, palavras que continuavam ressoando em meus ouvidos, como prelúdio de uma Sinfonia Inacabada. E digo “Inacabada” porque eu me sentia inacabado. Algo se havia quebrado! Não pude compreendê-lo de imediato, mas uma onda de estranha melancolia deixou profunda marca em meu coração.

Hoje o compreendo: era um sinal, um anúncio, um toque.

E digo que meditei durante vinte anos sobre o sentido desta Retirada, porque a Retirada do Mestre operou em mim como símbolo da Retirada de todos os Mestres. Percorri os escuros labirintos da filosofia e os luminosos caminhos da ciência, mas a terra estava seca e desolada: senti cansaço em meus ossos e angústia em minha alma; e, ao cair da noite, detive-me à borda da fonte, em busca de água para acalmar minha sede. E ali fiquei adormecido...

E a Noite sem estrelas disse tudo o que tinha que dizer.

Mas, o que posso dizer agora, quando retomo o fio de meu pensamento? Não é que o tenha de todo claro, mas (*De Profundis*) pre-sinto que o próprio Verbo que se oculta por trás do véu da Retirada retorna (transfigurado) a minha própria vida. E me fala:

Desde outro *estado* da Matéria.

Desde outro *signo* do Tempo.

Desde outro *ritmo* do Coração.

O mundo mudou e eu mesmo falo desde outro *lugar*. E falo com as montanhas e os rios, com os mensageiros que deixaram a Terra e com os que estão na Terra e não têm lugar na Terra.

Até 1968, ainda acreditávamos poder transformar o mundo. Depois, foi demasiado tarde. Não soubemos medir bem nossas forças. Hoje, tropeçamos com uma barreira difícil de cruzar.

DESDE OUTRO *ESTADO* DA MATÉRIA

Já não há tempo para sonhos

17 de outubro de 1996

O sol dava em cheio em meu rosto quando despertei. Havia estado trabalhando em minhas memórias até altas horas da noite e fiquei profundamente adormecido sobre uma montanha de livros, cartas e recordações. Ia ordenar todo esse material, quando subitamente lembrei-me do que havia sonhado: encontrava-me no que parecia uma casa antiga, uma grande sala, muita gente que ia e vinha, quase todos desconhecidos: ainda que entre a multidão, reconhecesse o rosto de velhos companheiros; a reunião era algo assim como uma convenção, congresso ou assembléia, onde iria ser tratado um tema importante; cada um dos assistentes tinha um lugar já designado, lugar que iam ocupando, mas eu não tinha lugar e procurava onde sentar-me. De repente, a cena muda, todos abandonaram a sala e se encontram agora em um parque reunidos ao redor de uma figura principal, com quem dialogam animadamente; eu me aproximo da reunião como querendo escutar o que dizem: minha sensação é a de estar no grupo, mas sem pertencer a ele. No final, termina o colóquio, a assembléia também terminou e todos os assistentes se encaminham para a porta de saída; então, aproximo-me daquele que parecia ser o mestre ou condutor do grupo (a quem, de alguma maneira, reconheço) e lhe faço algumas perguntas, sobre temas que considero de fundo; caminhamos um trecho juntos, ele me responde de forma amável, mas distante: sem comprometer-se em questões de princípios.

Não era primeira vez que tinha um sonho deste tipo, sonhos que eu qualificava como “encontros entre sombras”; porque efetivamente me encontrava ali, em cenários humanos

sem luz e sem voz: eu era uma sombra entre sombras, em um “teatro de sombras”.

A lembrança deste sonho não acabou de despertar-me, mas não havia mais tempo para sonhos; tinha que resolver alguns assuntos na cidade, saí de casa e tomei o ônibus que me levaria a Chacarita e ao metrô C. Ao descer do ônibus, rumo ao mundo subterrâneo, choco-me de frente com o rio humano que sai da boca do metrô e inunda a rua, como torrente de vozes sem palavras. Tampouco era a primeira vez que experimentava uma sensação de “estranheza”, ao banhar-me em águas revoltas de multidões anônimas, mas no desencontro de hoje, ressoava uma nota diferente.

Em geral, caminhava pelas ruas com os olhos baixos, tentando pensar o impensado: o que havia além da teoria da relatividade? Aquém do big bang das teorias cosmológicas? Do outro lado da seta do tempo? Por momentos, explodia na noite da alma um súbito resplendor do mistério, mas era preciso dar “forma” à intuição primordial, “palavra”, linguagem adequada ao tempo, à época, à história... e essa *tradução* do impensado para o pensado reclamava silêncio interior, em meio à multidão ruidosa: daí o olhar baixo, o coração atento e o ouvido distante das vozes da cidade. Mas hoje, as coisas eram diferentes: ia relaxado, já não com os olhos baixos, mas olhando ao longe, em direção ao horizonte do tempo, sem nenhum problema metafísico a resolver, sem nenhum diálogo interior; quase poderia dizer que ia caminhando em plácida contemplação; de repente, meu coração se deteve na corrente humana que saía da boca do metrô e desfilava em sentido contrário ao rumo em que eu ia: e *vi* rostos que eram máscaras, que não diziam nada, que não iam a nenhum lugar; mas, por trás dessas máscaras, desses rostos sem olhar, *vi* um olhar que me olhava.

O que quero dizer com tudo isso?

Em realidade, não posso dizer nada! Não tenho palavras para explicar o profundo: é a escuridão do profundo, saindo à luz em busca de palavra.

Chego a dar-me conta de que há uma dinâmica da vida e da morte que escapa às leis da física e à lógica do tempo.

Mas, o que tem a ver este “encontro entre máscaras” nas ruas de Buenos Aires, na Chacarita, “onde os mortos enterram seus mortos”^{*1}, com o sonho que tive à noite e com a “relatividade”, a “seta do tempo” e o “olhar”?

Não nos vamos entender com palavras!

Não posso comunicar-me com as sombras de meus estranhos companheiros do sonho nem com os rostos de pedra dos não menos estranhos transeuntes com quem cruzo no caminho; tampouco posso comunicar-me facilmente com o que não-diz a teoria da relatividade ou a seta do tempo. É que já não é tempo de sonhos nem de palavras. O mundo é outro: tornou-se *estranho* para nós. E nós mesmos vamos de um lado para outro como *estranhos* em um mundo sem lar.

O que fica no mundo, quando se apaga o fogo do lar?

Já de volta, em casa, lembrei-me de que era dia 17 de outubro: aniversário do “dia da lealdade” para o peronismo histórico. Via pela televisão, o ato de comemoração que era realizado, com reduzido público, no mausoléu de Perón, no cemitério da Chacarita. Saúl Ubaldini, ex-secretário geral da CGT e um dos últimos dirigentes sindicais da vanguarda de 1945, pronunciava um aceso discurso em homenagem à pessoa do condutor político, reivindicando sua doutrina de justiça social. Mas, indubitavelmente, os tempos haviam mudado; os princípios revolucionários de 1945 haviam sido substituídos pelo modelo econômico liberal, os “privilegiados” agora não eram as crianças, mas as empresas multinacionais; Evita, a portabandeira dos trabalhadores, já não estava; e seu lugar no balcão da Casa Rosada havia sido ocupado por Madonna, no filme de Alan Parker. Neste novo

¹ “Chacarita” é um bairro da cidade de Buenos Aires, onde há um conhecido cemitério com o mesmo nome. (N.T.)

contexto histórico, Ubaldini, em um gesto desesperado para evocar o espírito de “lealdade” que parecia debilitar-se, por trás das máscaras de estranhos “companheiros”, alçava suas mãos ao céu e gritava a plenos pulmões: “Lealdade, sim! Mas lealdade a quê?”. São as mesmas palavras que gritam em silêncio as multidões desesperançadas que percorrem os caminhos incertos do mundo moderno.

E volto à pergunta: o que fica no mundo, quando se apaga o fogo do lar? Fica o espetáculo, a informação, a alma desiludida!

Cerimonial de fogo na noite sem estrelas

*O incêndio da matéria
unifica
o sentido da palavra.*

28 de outubro de 1996

Já não nos entendemos através das palavras, roçamos uma onda de antissentido: sentido trágico da história. O *logos* que advém já não vem a nós desde outra palavra, mas desde outro *estado* da matéria.

Isto que acabo de escrever, nesta madrugada de 28 de outubro, não é algo que eu tenha pensado, senão que vem a mim (é-me dado) desde o não-pensado. Ouço o ritmo, o pulso, o latejar da grande corrente da vida, mas qual é a Fonte de onde brota o rio?

Antes de mais nada (e tentando esclarecer o que parece obscuro), em que tempo vem a mim o *sentido* de uma palavra não-pensada? Vem aos setenta e sete anos, se tomar como medida do tempo o calendário gregoriano, mas em dois ciclos de sete “notas” cada um, se prestar ouvidos ao movimento inaudível da corrente de fogo que sobe e desce pelos sete chakras da fisiologia simbólica de meu próprio corpo. E, quando me disponho a já não só “ouvir”, mas a penetrar nessa enigmática corrente, tomo consciência de que eu mesmo *sou* a Serpente de Fogo que desintegra-e-ilumina minha própria matéria e percorre o circuito dos sete chakras, como querendo sair da roda do tempo, em busca do oitavo chakra.

Como é isto, não eram sete os chakras? Bem, assim me haviam dito... no entanto, eu ia em busca do oitavo.

Mas, existe realmente uma “saída”?

Há uma fronteira ainda não explorada: um ponto de contato da alma com a raiz profunda da vida, que eu

qualificaria de “catastrófico”; ao alcançar esse ponto crítico, o fogo sagrado pode irromper na noite escura da matéria e fazer explodir o mundo do homem: iluminando um novo destino.

Como explicar estas coisas? É que aqui, não há “coisas” nem nada a “explicar”! Só fica o simples acontecer inexplicável: “incêndio” da matéria, “expansão” de consciência, “transfiguração da vida”.

E o que acontece quando *não-há* saída? Entram os insetos, os vírus assassinos, as forças elementais do inframundo. Dito de outro modo: quando não há saída por “expansão”, o homem, a sociedade, as estrelas, o universo inteiro... colapsam por “implosão”.

Há poucos dias, vi pela televisão, a imagem de um acontecimento social catastrófico que me deixou sem palavras, sem teoria da revolução, sem filosofia da história: como nas tragédias gregas, todos os personagens ficavam sem voz e só o fogo crepitava em silêncio, como mensageiro do Destino. O que havia ocorrido? Em um bairro muito pobre, em uma favela, uma menina de onze anos morria eletrocutada ao ir buscar a bola que havia caído em uma casa vizinha. Um homem sozinho, que havia levantado no lugar sua precária vivenda, ao parecer cansado das frequentes irrupções das crianças que jogavam bola, havia eletrificado a cerca de arame que rodeava a casa: a menina quis cruzar o valado e encontrou ali a morte. A indignação dos vizinhos, todos gente muito humilde, se transformou em fúria impossível de conter: uma massa humana fora de si arrancou a cerca de arame, precipitou-se para o prédio e, com suas próprias mãos, paus e pedras, descarregou sua indignação sobre a precária morada, onde não havia ninguém (só um cachorro que escapava); arrancaram paredes, teto, portas, janelas... tudo voava pelo ar e ia parar em um montão de escombros que logo receberia os poucos móveis e utensílios da casa para transformar-se em uma gigantesca pira ardente. E um coro de vozes, insultos, ameaças: as mães choravam, os

homens clamavam por justiça ou vingança, as crianças olhavam em silêncio as chamas que se elevavam ao céu. Um oficial de polícia que se aproximou do local dos fatos era interrogado por um repórter: “Por que a polícia não atuou quando viu que a violência transbordava?” e o oficial, homem sensível ao fim, respondeu: “O que poderíamos fazer...? As pessoas estavam indignadas... Íamos reprimir?”.

De alguma maneira, havia se consumado um rito sacrificial: o dono da propriedade havia fugido, a menina de onze anos havia morrido, a fúria da vizinhança havia se acalmado, a autoridade policial calava... o fogo ardia no altar. Quem era o culpado? O homem que, para defender sua propriedade, havia eletrificado a cerca? A imprudência da menina? As crianças que jogavam bola e importunavam o vizinho? Os pais dessas crianças que não souberam advertir o perigo? Ou a polícia que não pôde defender o direito à propriedade privada? Ou é a própria miséria humana, a força social contida que, ao não encontrar saída “para cima”, em direção à criação do mundo, refluí “para baixo”, onde estoura “por implosão” (e degradação), na favela onde mora a menina de onze anos que nós (todos nós) escolhemos como vítima propiciatória? “Sacrifício coletivo dos inocentes”?

Eu olhava o fogo que a câmera de televisão punha em primeiro plano, queria “ver” o que se ocultava por trás da representação da tragédia: e digo tragédia porque ali não ficava nada (nem ninguém); o drama havia sido transferido a um cenário in-visível: o que ardia nesse “outro” cenário não era o miserável despojo material do proprietário desconhecido, que havia fugido sem compreender e sim, nossa própria miséria moral.

Miséria moral? Sim, mas ao dizer “miséria moral” não me refiro ao juízo ético que possa surgir de uma filosofia dos valores, política social ou teologia moral. Aqui, não há nada a interpretar: porque é minha própria matéria a que arde junto com a mesa, as cadeiras, a bicicleta, o colchão... e junto à pena e ao desamparo dos prot-agonistas presentes e ausentes

deste rito sacrificial. Talvez, “todos” tenhamos sido escolhidos aqui pelo Destino, para desvelar um mesmo *mysterium iniquitatis*.

Transmutação alquímica da matéria no drama sacrificial de nosso tempo

Eu havia conhecido a “noite escura da alma”, mas estava longe de imaginar que me esperava um *estado* ainda mais escuro: “noite escura da matéria”. Aqui, acabam todas as palavras e caem todas as imagens: a sub-terra está deserta e sem água, e já ninguém sabe quem é quem.

Um novo sentimento cósmico marca hoje o tempo do homem e assinala seu novo lugar no mundo. E, desde esse “outro” lugar, pre-sentimos que as transformações mais profundas da vida já não se realizam no templo de Apolo, mas na oficina de Vulcano. Dito de outro modo, a chave para “habitar” o mundo que advém não é outra ideia, mas outra “matéria” (que é como dizer, outra configuração de forças, outra geometria de pulsos eletroquímicos). Tudo me faz pensar que, com o tipo de “matéria” que conforma nosso corpo, não vamos poder ir muito longe: oferece demasiada resistência à passagem da luz. Não é que, no que já passou do século, não tenham aparecido sobre a Terra mensagens proféticas de liberação: através de mensageiros da ciência, da filosofia, da arte, da revolução social, da mística... porém, a “matéria escura” que temos “engole” a essência, a verdade, o sentido de *todas* as mensagens: tanto das luminosas quanto das obscuras (de “tudo” se tira proveito).

O deus que advém já não pede licença para entrar na casa do homem: antes de bater à porta, já derrubou a casa. Voltando ao drama da favela, o “fogo” que destruiu a precária vivenda do morador desconhecido se antecipou à justiça social e à dialética da história. E o mesmo acontece com o “fogo” da droga, do HIV, das bactérias assassinas, do desemprego pelo impacto da técnica, da queda do sistema imunológico por pressões sociais: a antiga matéria humana não pode resistir ao embate do novo deus nem à astúcia dos modernos demônios.

O desafio que temos pela frente (e por dentro), ao chocar-nos de frente contra uma onda de antissentido, já não é de ordem política, social ou econômica, nem sequer metafísica, teológica ou técnica: trata-se de interação de poderes cósmicos que *envolvem* o homem em seus torvelinhos de “sentido/antissentido”. Dito de outro modo: a própria “matéria humana” fica apresada entre o campo gravitacional da luz que ingressa e as fauces devoradoras dos abismos subterrâneos. Estamos chegando a pontos críticos de instabilidade da matéria viva, flutuações perigosas entre a luz e a sombra, que nos conduzem ao limite de uma experiência extrema: onde “ao querer salvar a vida, podemos perdê-la”, mas também onde “ao perdê-la”, podemos sentir, pela primeira vez, o êxtase da “expansão sacrificial”.

A biologia moderna (Prigogine e sua escola) descobriu no laboratório, estes pontos críticos de transição de fase, bifurcações de caminhos, flutuações catastróficas dos sistemas vivos: onde, longe do equilíbrio termodinâmico, a corrente da vida dança em outro ritmo, em busca de mais vida. Mas hoje, já não no laboratório e sim, no mundo do homem, o desafio que a vida nos propõe nas fronteiras da insegurança e do não-equilíbrio é descobrir as leis deste ritmo “inicial” que já se instalou no próprio coração da matéria. A este nível de consciência profunda (*De Profundis*), a resposta já não é ideológica, filosófica ou técnica, mas *Gen-ética*.

Leio no jornal *La Nación* (Buenos Aires) que um grupo de cientistas que investiga o mal de Chagas se incorpora a um programa da NASA para desenvolver no espaço novos medicamentos, mediante técnica cristalográfica. Por que no laboratório de uma cápsula espacial? Porque só no espaço, fora das distorções produzidas pela gravitação terrestre, é possível obter cristais de proteínas com grande nível de perfeição. Magnífico! Mas esta é só uma face da experimentação que hoje se está realizando, na fronteira entre dois mundos. Porque na “outra” face, no laboratório secreto da Terra, ali onde “gravitam/antigravitam” as correntes da

vida e da morte, no coração profundo do homem, no ponto crítico de reversibilidade de todos os valores, está sendo “gestada” uma nova *matéria*: prefiguração de novas funções da vida. Já não se trata aqui, de técnica experimental, mas de drama sacrificial: *Mysterium* de sacralização expansiva da matéria humana.

Começamos a tomar consciência de “outro” destino.

Entre os dois polos do eixo espiritual do mundo, entre a luminosidade inefável dos altos cumes e a escuridão aterradora do abismo, na hora crítica de máxima desolação da alma, quando o *logos* que nos havia conduzido até aqui pronuncia sua *última* palavra: “Pai, por que me abandonaste?”... aqui, se tivermos força espiritual suficiente para resistir à última tentação do coração de carne, pode explodir a chispa de *prima-matéria* do homem cósmico: incêndio da matéria.

Hoje, no vertiginoso torvelinho do novo signo do tempo, a chave para o ordenamento social e espiritual da humanidade vindoura já não é só outra ideia, outro sentimento, outra fé: é também “outra matéria”. Falta-me linguagem, geometria, química, para caracterizar a estrutura dinâmica desta “prima-matéria”. Porque nem sequer é outra “matéria” e sim, outro “estado” de *energia-sentido*.

Energia/sentido?

Só posso pensar aqui, por analogia. Vem a minha memória, o título original do trabalho publicado por Einstein, em 1905: “Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimento”, trabalho que hoje conhecemos por “teoria da relatividade restrita”. Trata-se de caracterizar os corpos que se movem à velocidade da luz: salto dimensional, da mecânica clássica à eletrodinâmica relativista. Analogicamente, quando eu falo de “outra matéria”, estou me referindo, em realidade, a “outro corpo” – a uma matéria humana que entrou em ressonância com uma onda de consciência cósmica: outra dimensão da vida.

Mas, atenção! Com estas expressões, não quero me remeter ao “mundo astral” ou a esses corpos luminosos de “devas” e “anjos”, descritos pelos intermediários da literatura esotérica de nosso tempo (novo ópio dos povos). De qualquer modo, tampouco me resigno a deixar este “outro estado da matéria humana” envolto em um véu de abstração metafísica. Pelo menos, tentarei caracterizá-lo, ainda que não seja mais que de forma empírica, tal como o vivo, à luz de minha própria experiência. Vivo este corpo como função nascente, como chama vacilante, como flutuação de energia/consciência: quase me animaria a dizer que opera como “relógio alquímico”. E me detenho aqui, para não continuar especulando.

O breve artigo de Einstein, no começo do século, “Sobre a eletrodinâmica dos corpos que se movem à velocidade da luz”, foi o passo inicial (a porta que se abre) a uma nova visão do universo, mas seria só “a metade” da fórmula. A “outra metade” não viria pela teoria da ciência, mas pelo sacrifício dos inocentes. E aqui, detenho-me uma vez mais: nem tudo pode ser explicado.

Outro estado da matéria? Outra dimensão da vida? Sacrifício cotidiano dos inocentes? Sim, mas todas estas são palavras, aproximações conceituais a uma experiência (Profunda) que milhões de seres humanos sobre a Terra vivem hoje, sem compreender.

Tropeçamos com uma barreira: a barreira da Morte!

Morte das instituições, das filosofias políticas, das teorias científicas, dos dogmas religiosos... e ainda, das próprias funções da vida: tudo isto que continua funcionando, às custas da vida (com perda de significado, com energia degradada). Mas, na “outra” face do fenômeno humano (*De Profundis*), poderosas correntes da vida e da morte penetraram no coração do homem, provocando uma transmutação alquímica da matéria. E esta confrontação genética de forças primordiais é o que hoje vivemos, sem

compreender: porque as filosofias da vida e as teorias da morte só nos dão “a metade da fórmula”.

A “outra metade” é simplesmente “a Morte”.

Há uma morte térmica: segunda lei da termodinâmica.

Há uma morte técnica: morte cerebral.

Há uma morte mística: *samadhi*, divina união.

E existem os “mortos que têm morta a alma e vivem ainda”.

Mas hoje, a Morte penetrou em recintos da vida, até ontem selados:

Já não é a morte que nos surpreende
como fatal destino: pena, memória,
esquecimento.

.....

É a Morte que vem à vida
como sinal A-nunciador
de um novo ritmo de expansão de Vida.

Outro *estado* da matéria? Sim, mas também, outro *signo* do Tempo.

DESDE OUTRO *SIGNO* DO TEMPO

Guiando-me pelo signo do tempo

2 de novembro de 1996

Hoje – o calendário marca “dia dos mortos” – ao querer meditar sobre o enigmático “signo” de nosso tempo, a primeira coisa que me vem ao encontro é um desfile de “figuras” do tempo, “formas” do tempo já cunhadas pela tradição científica e filosófica, “ritmos” do tempo que me convidam a dançar em seu ritmo: “ser e tempo”, em Martín Heidegger; “eterno retorno”, em Friedrich Nietzsche; “seta do tempo”, em Arthur Eddington e Ilya Prigogine; “fim da história”, em Francis Fukuyama; “Instante (sem tempo)”, em Krishnamurti. Aparto-me dessas formas, dessas interpretações do tempo; não é que lhes tire valor, mas não quero entrar na metafísica do tempo nem na teologia da eternidade: deixo a um lado do caminho, a lógica do tempo, e guio-me pelo *signo* do Tempo.

Mas, o que é “signo” do tempo? Não-sei!

De qualquer modo, tentemos “ouvir” o que nos diz a corrente profunda de sentido, enquanto nos movemos no espaço de jogo do tempo.

Não é que, nestes dois mil e quinhentos anos, não tenhamos feito nada nem chegado a parte alguma; pelo contrário, dominamos a Terra e viajamos rumo às estrelas: chegamos demasiado longe, mas não sabemos voltar ao lar.

O “lar”? Já não sabemos muito bem o que é.

Não é que tenhamos perdido o rumo por falta de informação: pelo contrário, há excesso de sinais. Mas nenhum nos diz como voltar para casa.

Não é que o mundo tenha ficado vazio, por falta de objetivos e objetos; pelo contrário, as gôndolas do supermercado global estão cheias de modelos matemáticos,

teorias científicas, sistemas filosóficos, próteses ortopédicas: tudo está à mão, mas perdemos contato com o rio sagrado que nos dá vida e nossa alma morre, por falta de vida.

Calam as vozes do rio: já não temos mais tempo!

O *signo* do tempo
delineia
a geometria da Obra.

Aqui, o Tempo “salta” da lógica metafísico-técnica do tempo, para entrar na história como *signum* de vida e *signatura* da matéria. Já não estamos no terreno da termodinâmica do mundo físico e das complexas equações matemáticas que predeterminam o salto de uma estrutura molecular a outra, senão que tentamos desvelar o *Mysterium-signum*: geometria simbólica da bênção sacerdotal. Não é que não tenha nada a ver um domínio da realidade com o outro, mas se trata de um gigantesco salto qualitativo, na ordem hierárquica das funções da Árvore da Vida.

Não é fácil para mim falar destas coisas, em um tempo em que, não só o cientista ocupou o lugar do sacerdote, senão que o próprio sacerdote fica sem templo e com livros sagrados que não entende.

Há uma *Linguagem* simbólica dos acontecimentos.

Há uma *Escrita* sagrada que podemos ler no grande livro da vida.

Há um *Tempo* cósmico que imprime sua marca no código gen-ético.

Em outras palavras: por trás do véu que cobre a representação dos fatos no teatro do mundo, conseguimos vislumbrar o rosto enigmático da Obra que vem: Leonardo

pôde transferi-lo à tela. Mas hoje, nós, para *desvelar* o “signo” do tempo, mais do que vê-lo, temos que poder ouvi-lo: ouvir o “som”, “soar”, “sentido” que grava o Tempo nas moléculas de nossa própria vida.

Decifrar o *signo* do Tempo in-scrito na matéria?

Ao chegar a esta fronteira, colapsa o tempo da filosofia e ilumina-se o Não-tempo da Revelação.

Quando o Não-tempo da Revelação irrompe no tempo da história

E isto é o que aconteceu em nosso tempo: sem que nos tenha dado tempo para pensar o quê aconteceu nem como nem quando aconteceu.

Talvez, ninguém possa caracterizar com suficiente precisão a “nota” vibratória, o “código”, a “figura”, deste acontecer fundacional que, na falta de um termo mais apropriado, chamamos de “signo” de nosso tempo; não temos ponto de apoio na ciência, na filosofia da história, na religião, que nos permita desvelar intelectualmente o “*sentido* do sentido” da comoção profunda que hoje quebra a simetria do mundo do homem. Tampouco temos ponto de apoio nas diferentes “novelas da revelação” que hoje se oferecem como mensagens de esperança, no grande espaço virtual da sociedade de consumo; porém, há um fato que todos pressentimos, de uma ou de outra maneira: fomos “tocados” por uma Força (perigosa e sublime) que muda nosso destino. Dito de outra maneira: a grande corrente da vida aponta para “outra” direção.

Para onde? Não sabemos. A única coisa que sabemos é que a corrente de sentido viaja em sentido contrário a nossas expectativas, esvaziando nossos sonhos. Vamos entrando em um campo de vazio que preludia o despertar do homem cósmico.

O mundo que havíamos pensado, que havíamos fabricado com o pensamento, que havíamos decorado com nossas interpretações, essa “imagem” do mundo desaba... e colapsam a segurança e o sentido de pertinência. Do forte laço de solidariedade orgânica dos antigos corpos coletivos, passamos ao vazio da individualidade nascente: estar, sem pertencer. Mas, não é fácil sustentar-se no vazio, sem cair... Angústia existencial e esvaziamento de sentido já não é tema exclusivo de filósofos e psicólogos: é sentimento cósmico da caravana humana que cruza o deserto terrestre. Não é fácil

cruzar este deserto: muitos ficam no caminho. Poderosas são as “tentações do deserto”: falsos profetas, sedução do passado, miragens de terras prometidas. O deserto é a tumba das ilusões, mas também é o lugar da Revelação. É o Silêncio de todas as palavras, mas também é a Palavra que surge do silêncio.

A chave que desvela o sentido desta Palavra é a própria sacralidade do “lugar”.

Dito de outro modo: não em qualquer lugar, tem lugar um contato com a força essencial da Vida; só no lugar “justo”: onde a Revelação não se dá somente como ideia, sentimento, fé, mas como *pão* de vida. É um lugar sagrado: como o lugar exato de um aminoácido na molécula de proteína, como o lugar preciso ocupado por uma palavra nos textos sagrados, como o lugar magnético da primeira pedra que serve de apoio à construção do Templo. É o ponto crítico de flutuação de todos os valores: onde o Não-tempo da Revelação irrompe no tempo da história.

No tempo de minha própria história!

Agora sim, quando fui “tocado” pelo *signo* do Tempo, posso escrever com maior certeza, *Tempo* com maiúscula.

E posso dizer:

Que em um mundo sem sinais,

guio-me pelo signo do Tempo.

E que o *signo* do Tempo

delineia a geometria da Obra.

A tradição cristã nos fala de um tempo/Não-tempo de “Encarnação do Verbo”: profundo mistério espiritual, muito pouco compreendido. E o poeta-metafísico Octavio Paz nos fala de um “Verbo desencarnado” (referindo-se às revoluções sociais, conclui com uma sentença lapidar: “A poesia não

encarna na história”). Todas estas são palavras: de maior ou menor hierarquia. Mas hoje, são os acontecimentos (e não as palavras) os que marcam (simbolicamente) os caminhos da história. O que posso dizer então, deste enigmático *signo*?

Que o som do *signo* do Tempo

marca o *ritmo* do Coração.

DESDE OUTRO *RITMO* DO CORAÇÃO

Não mais mensageiros

8 de dezembro de 1996. Dia da Virgem

*¡Ay, quién podrá sanarme!
Acaba de entregarte ya de vero
y no quieras enviarme
de hoy ya más mensajeros
que no saben decirme lo que quiero.*

São João da Cruz, *Cântico
Espiritual*, 6

Não mais Encíclicas, Epístolas, cartas pastorais.

Não mais Igrejas eletrônicas.

Não mais Virgens que choram.

Tudo isto me dizia hoje, em silêncio, meu coração. Sim, ouço dizer que é o dia da Virgem; a Igreja celebra em seu calendário litúrgico o mistério da Imaculada Conceção: já ninguém mais sabe do que se trata. Coisa curiosa, neste mesmo dia, recebo a tradução para o português de meu livro *O Caminho da Egoência: da Angústia Existencial à Mística do Coração*. E, ao pôr minhas mãos sobre a capa do livro fechado (nunca voltei a ler, pela segunda vez, nenhum de meus livros), uma voz silenciosa me dizia: “Este também é outro mensageiro que não sabe dizer-te o que queres”.

Pressinto que neste tempo de “deuses que fugiram e que tiveram seus tempos”, a alma da humanidade não quer outros deuses, outros mensageiros, outros intermediários.

Mas, e a “segunda vinda”?

No que já passou do século, em cumes e vales do planeta, ouvimos vozes de ressonância profética: quer se fale de “outro” Mensageiro, “outro” paradigma científico, “outra”

revolução social. A quem responde esta expectativa de um novo Advento?

E me animo a dizer: é uma onda pre-figurativa que responde não a algo (ou a Alguém) que há de vir, mas a algo (ou a Alguém) que já veio. É o “eco”, nas águas superficiais da mente, de uma comoção profunda que quebrou a estabilidade da matéria: uma “ressonância” que, ao não encontrar palavra adequada que possa Dizer o que aconteceu, explode como fogo de artifício, em uma chuva de interpretações.

Dito em outros termos: o “primeiro *logos*” (se quisermos chamá-lo assim), o *logos* da iniciação racional da humanidade, a preciosa ferramenta (o fio de Ariadne) que nos foi dado pelos deuses para explorar o labirinto do mundo, a função logoquímica do cérebro, com a qual construímos os sistemas filosóficos, teorias científicas e modelos matemáticos que temos à mão, esse padrão informático que foi modelando (sem que nos déssemos conta) os órgãos e funções de nosso corpo – foi ultrapassado pela ruptura de simetria do próprio Código gen-ético da vida. Não é a primeira vez que ocorre um “corte” deste tipo, no longo caminho do transformismo evolutivo. E, quando isto acontece, quando ressoa na matéria o primeiro acorde da nova sinfonia cósmica, aquilo que vem já não é “outro” mensageiro, que vem como intermediário, trazendo notícias do rei, senão que é o próprio rei que põe sua assinatura (seu selo, sua assinatura) na matéria primordial da vida.

Quando chego a escutar isto mesmo que estou dizendo, desde o *lugar* de onde procede o que digo, todas as palavras perdem seu sentido e só ouço o rumor da fonte de onde brota o rio. Agora me dou conta de porque alguns índios da América dizem: “O homem branco pensa com a cabeça. Nós, com o coração”. Sim, eles haviam descoberto (antes que nós), o “lugar sagrado” no centro da Árvore da Vida. Mas, de qualquer modo, não puderam aceder ao pensamento que hoje nós manejamos. E agora, o quê?

Transfiguração do *logos*!

Já não se trata de esperar “outro mensageiro”, uma “segunda vinda”, um “segundo *logos*”. Porque o próprio *logos* já veio, mas fala em nós, desde outro chakra. Já não perguntamos “o quê” diz, mas “o que quer de nós”.

Ouvimos os primeiros acordes do “Cravo Bem Temperado do Coração”

Acaba de entregarte ya de vero

É a voz da humanidade que se adiantou a nós: “Não me envieis mais mensageiros que não sabem dizer-me o que quero”.

Não se trata de uma “ultrarracionalidade”, mas de uma nova Aliança: trânsito da angústia existencial à mística do coração. Porém, o que *é* Mística do Coração?

É um Poder!

A própria palavra “mística” cai aqui com todo seu poder semântico-interpretativo, cunhado durante séculos. E nasce uma Função orgânica completamente nova. Ao dizer “nova”, não quero significar que nunca tenha sido conhecida. Pelo contrário, a Tradição espiritual da humanidade confere ao “*logos* do Coração” a hierarquia de “palavra de poder”, na boca do sumo sacerdote.

Eructavit cor meum verbum bonum.

Salmo 44

Mas, uma coisa é a figura simbólica, com a qual pode ser representado este *Verbum sacro* e outra é a “função orgânica” que possa traduzi-lo em pão de vida, no mundo do homem.

Em uma época como a nossa, que caminha ao ritmo de cérebros eletrônicos e de corações mecânicos, é muito difícil escutar (e, mais difícil ainda, cantar) a “Sinfonia” cósmica

que os Mestres Cantores transmitem no cravo bem temperado de um Coração não nascido. Isto é o máximo que posso ouvir (e dizer), como intuição primordial da inteligência-sentinte, em estados de máxima tensão da alma. Dito de outro modo, o que “acaba de me entregar deveras” o *Logos* do Coração é uma chave “Sin-fônica”.

Sin-fônica?

Mais que querer explicar com o *logos* racional o que não tem explicação, gostaria de deter o pensamento e prestar ouvidos ao *movimento* que me conduz a esse “ponto crítico”, onde o “*Logos* sin-fônico” de um coração A-tômico consegue entrar em ressonância contrapontística com o ritmo do coração mecânico: *Eructavit cor meum verbum bonum*. É a “outra metade” do Tempo-matéria do coração: Tempo/hierofônico que se revela (torna-se In-audível), quando o próprio tempo logo/técnico (audível) se retira para dar passagem à Palavra inefável.

Chegamos a uma etapa crítica no desenvolvimento genético-evolutivo do homem terrestre, a tal ponto que destacados cientistas se perguntam se não haveremos desembocado em um “beco biológico sem saída” (Erwin Schrödinger). No entanto, uma força desconhecida comove nossa morada e interrompe nosso sonho. Pre-sentimos (*De Profundis*) a mensagem de um *Verbum* que não podemos entender. E a barreira não é epistemológica e sim, fisiológica. O *logos* do universo bate, uma e outra vez, à porta do coração do homem, mas não pode entrar: a casa está ocupada pelo *logos* do tempo (“Não havia lugar para eles na pousada” Lc. 2:7). Paradoxo do desenvolvimento de nosso cérebro técnico: a mesma “imagem científica do mundo” que nos guia pelo caminho do conhecimento objetivo se constitui em barreira que nos impede o acesso à seiva da Árvore da Vida.

Como reconhecer essa “fenda que muralha parte”?

Uma vez mais:

Comemos o fruto (essência, substância)
da Árvore, no paraíso,
e nossa alma ficou prisioneira
em um castelo de pedra.

Mas, alguns “prisoneiros” descobriram uma porta secreta que pode dar passagem ao Visitante desconhecido: querem conversar com Ele.

As velhas mensagens de liberação esgotaram seu potencial evolutivo. A chave para o salto dimensional em direção à consciência cósmica já não é ideológica, mas *Gen-ética*: outra matéria, outro corpo.

Como fazer-se sensível-participante ao “ritmo”, ao “pulso primigênio” deste novo corpo que acaba de nascer?

Não vou me referir à “atividade perpétua do coração”, descoberta pelos místicos hesicastas e que pertence à tradição de “participação do corpo” no desenvolvimento da vida espiritual, senão que tomarei ponto de apoio em minha própria experiência de ação interior e no testemunho de investigadores modernos que, de uma ou de outra maneira, detectaram as primeiras cintilações de uma fisiologia de antecipação. Qual é a porta de acesso à dimensão transcendente da vida humana? Aldous Huxley fala das “portas da percepção”; Prigogine, de “flutuações críticas que quebram a simetria do sistema”; Heidegger, de *Ereignis*: acontecimento propício; segundo William Irwin Thompson, citando Gregory Bateson, do “Não-tempo entre cada pulsação do coração”. Todas estas expressões, que em diferentes níveis da experiência humana tentam assinalar o ponto de combustão da matéria, são, por assim dizer, demasiado clássicas: demasiado poéticas, demasiado metafísicas, demasiado técnicas, demasiado místicas.

Se eu tivesse que dizer algo desse sublime mistério, já não pelo que penso e sim pelo que sinto, diria que: no Não-tempo do coração, é possível escutar a nota *Inicial* do *logos* ressoando no pentagrama das moléculas da vida.

Mas, não nos adiantemos demasiado, porque ao chegar a este ponto, ao penetrar neste recinto hermético, neste horto fechado, caem todas as palavras, todas as interpretações, todas as cosmovisões: e não fica tempo para dizer nada, porque roçamos o *Mysterium* da retirada do Tempo.

Posso dizer algo desta Retirada?

Quando as forças hostis, favorecidas
pelo tempo,
tomaram a dianteira,
o que corresponde é a Retirada.

I Ching, 33

Voltamos ao Signo do Tempo: “*Já vos ensinei tudo o que tinha a ensinar*”. É a retirada do Mestre ou é a retirada do Tempo? Da mesma forma, esse “tudo o que tinha para ensinar” corresponde ao tempo do Mestre ou à medida dos discípulos? Definitivamente, o quê (ou quem) se retira?

Não vou entrar em especulações metafísicas, acerca do movimento do tempo. Só posso dizer que, quando o *logos* do pensamento se retira, fala o *Logos* do Coração. E este “giro da força” não é algo que possa ser determinado exclusivamente pela vontade humana; o *I Ching* o adverte: “Não se trata, no que se refere a esta retirada, de uma arbitrariedade humana, mas do cumprimento de leis que regem o acontecer na natureza”. O que quero dizer aqui é que esta “Retirada” (esta “fuga dos deuses que tiveram seus tempos”), que até agora conhecemos através da tradição espiritual – “Mas agora, vou para aquele que me enviou e nenhum de vós me pergunte: aonde vais?” (Jo. 16:5) – esta retirada do luminoso, nós a estamos experimentando, pela pressão do obscuro: irrupção de “forças hostis”, favorecidas *pelo tempo*, que tomaram a dianteira.

Tudo me faz pensar que hoje não temos uma “teoria da retirada”, que possa dizer-nos algo sobre a Retirada: porque é a própria Retirada a que fala, desde o Silêncio da retirada.

As “forças hostis” tomaram a dianteira: têm seu próprio código, sua própria mensagem, seu próprio lugar no drama divino-humano de transformação da “matéria” da vida. É a “outra face” da Lei. É o que o Mestre “Não-diz”.

Nenhum de vós me pergunte: aonde vais?

Jo. 16:5

“Já vos ensinei tudo o que tinha a ensinar.”

Não há aqui, *nada* a perguntar nem *ninguém* que possa perguntar. Não temos uma teoria da Retirada; dito de outro modo: não temos uma “teoria do Fim”.

Todo nosso pensamento, nossa visão do mundo, nossa teoria da ciência, nossa filosofia da história, nosso sentido de identidade, todo nosso compromisso com a vida, apoiam-se na obscura percepção da continuidade do tempo: quer a chamemos de herança genética, de eterno retorno, vidas sucessivas no além, sucessão apostólica ou seta do tempo. Mas, também existe o “fim”, que já não é um conceito nem uma teoria, mas um mistério espiritual. De qualquer modo, o *logos* racional rejeita o *mysterium* e continua perguntando: o fim de quê? A antiga tradição de Machu Picchu, dos “filhos do sol”, diz-nos que o Inka possuía um atributo (força invisível) que não era herdado e que se *retirava* com o Inka (seu *Guaoki*). É o fim de uma estirpe.

É este mistério de Ocultamento da Luz o que hoje estamos vivendo sem compreender: tempo de palavras sem Verbo e Verbo sem palavra. Também “tempo do fim de uma estirpe”?

É o fim das filosofias do tempo.

Calam todas as vozes.

“Não me envies já mais mensageiros,
que não sabem dizer-me o que quero.”

Bato à porta da câmara da Rainha,
mas ninguém responde!

*A Luz que se oculta no cenário do mundo
deixa impressa sua marca de sentido
no Código Sagrado do coração.*

A vanguarda científica abriu o primeiro selo do Livro
sagrado da vida:

E veio a teoria da informação,
o código genético (ADN),
a aldeia global,
a engenharia genética,
a guerra informática,
a delinquência informática.

E houve desenvolvimento industrial, mensagens de
esperança e pânico político.

A vanguarda mística percebeu o perigo, ouviu o sinal
anunciador de um novo destino e empreendeu a subida ao
cume do monte: era preciso descobrir uma lei mais
fundamental. Iniciou-se a caminhada, mas houve muitos
obstáculos no caminho.

Quem sois que, subindo o rio cego,
saído haveis da prisão eterna?

Divina Comédia, Purgatório, 5:2

É a palavra do primeiro guardião que detém o caminhante
à entrada do Purgatório e pergunta por sua identidade. É a
mesma pergunta que hoje nos formula a vida, quando
batemos à porta do mistério cósmico.

Troçamos com uma barreira difícil de cruzar!

Nós também, como o poeta-místico “subindo o rio cego”,
saímos da caverna subterrânea que albergava nossos sonhos.

Subimos a empinada costa, levando às costas a pesada carga da experiência histórica e, quando acreditávamos ter na mão a chave para abrir a porta do santuário, escutamos a mesma silenciosa voz:

“Quem vos guia, no caminho sem marcas?”

Não pudemos dar resposta.

O conhecimento que levávamos às costas respondia a outros parâmetros de tempo e significado. Um jovem sábio havia falado de “princípio de incerteza”; um ancião solitário respondia: “Deus não joga dados”. De qualquer modo, não podíamos tomar nenhuma destas sentenças como “guia certa” para percorrer o caminho incerto.

Porque
os deuses haviam se retirado,
havia caído as estrelas do antigo céu,

e só víamos a sombra
dos novos Senhores da terra.

Ainda mais, havíamos-nos dado conta de que o “poder da Sombra” estava em nossa própria casa, em nossa própria família, em nossa própria igreja, em nosso próprio povo, em nossas próprias moléculas da vida.

Detivemo-nos um instante para meditar *in profundis*. E surgiu uma pergunta:

a Luz que procurávamos,
não viria pelo caminho da Sombra?

**NA FRONTEIRA DO *LOGOS*
RACIONAL: MUITAS PERGUNTAS
E POUCAS RESPOSTAS**

ATÉ 1968 AINDA PENSÁVAMOS QUE PODÍAMOS TRANSFORMAR O MUNDO

Com a vontade de poder: com o super-homem.

Com a revolução da ciência: teoria da relatividade, física quântica, energia atômica, biologia molecular, conquista do espaço.

Com a revolução social: sociedade sem classes, sem propriedade privada; liberdade sexual, economia de participação.

Com a revolução espiritual: novas religiões, messias eletrônicos, ecumenismo religioso, meditação transcendental, transcendência psicodélica.

Foi-nos prometido que, com a liberação da energia atômica, a humanidade disporia de um poder jamais sonhado, de forma a mover todas as forças produtivas da Terra:

e houve Hiroshima, Chernobyl e contaminação radiativa do planeta.

E veio outro poder para dominar a Terra: e houve barbárie, genocídio, desaparecidos.

Foi-nos prometido que, com a revolução verde, haveria alimentos para todos:

e há fome no mundo e crianças desnutridas lançadas ao lixo.

Foi-nos prometido que, com a sociedade sem classes e a propriedade coletiva da terra, haveria justiça social e trabalho para todos:

mas a revolução social não pôde superar suas próprias contradições internas e houve burocracia política, corrupção administrativa e colapso dos impérios coletivistas.

Foi-nos prometido que, com a revolução tecnológica e com a economia neoliberal de mercado, entraríamos na “terceira onda” de produção de riqueza, já não haveria necessidade de viajar até a fábrica ou o escritório, e nos trariam o trabalho em casa:

e houve desemprego massivo, foram fechados fábricas e escritórios, e houve trabalho (qualificado) para poucos e desesperança para muitos.

Foi-nos prometido que, com a revolução espiritual da nova era (*the new religions*), a ruptura do marco dogmático das antigas religiões, a liberação de todas as energias reprimidas, o intercâmbio cultural entre Oriente e Ocidente, a presença carismática de novos “instrutores do mundo”... – acreditávamos que, com esta conjunção de forças espirituais e sociais – seria quebrada a rigidez do coração de pedra e explodiria o fogo da consciência cósmica:

Nasceu uma nova mística, houve comunidades espirituais nascentes e grupos humanos com consciência ecológica e economia solidária.

Também houve (há) literatura esotérica de supermercado, iniciações

pseudoespirituais e mística mutilada (quando o sentido de transcendência espiritual é distorcido pela ideologia política e pelo poder econômico).

Não é de estranhar então que, neste jogo de luzes e sombras, muitos recordem o antigo adágio francês: “*Tout commence en mystique et finit en politique*”.

Não é que todas estas mensagens, às quais fiz referência, não tenham valor: têm seus limites. Não é que a revolução científico/social/espiritual não tenha mudado a face do mundo: mas, não pôde impedir que hoje, estejamos fazendo algumas

Reflexões à borda do abismo

Entre 1972 e 1977, tive um breve intercâmbio de correspondência com o professor Georg Picht, destacado filósofo alemão da Forschungsstätte der Evangelischen Studiengemeinschaft, Heidelberg, acerca das ideias que este agudo crítico da cultura contemporânea antecipava em seu livro *Reflexions au Bord du Gouffre*.

Ao escrever estas linhas, vinte e seis anos depois, devo reconhecer que a intuição profética de Picht, longe de debilitar-se, tornou-se ainda mais atual. Vejamo-la um pouco mais de perto.

A necessidade de penetrar nos arcanos do porvir constitui uma revolução que poderia chegar a ser mais profunda e mais rica em consequências que a corrida no espaço.

O que pensa Georg Picht da revolução da ciência?

No nível atual da ciência, o abismo que separa o pensamento científico moderno da opinião pública não pode mais ser preenchido. O maior poder do mundo atual, o poder científico, escapa a todo controle político. Porém, a ciência escapa também ao controle da própria ciência.

Que futuro espera o poder militar?

O poder militar está se tornando inoperante no mundo moderno, tanto para o ataque quanto para a defesa...

Entretanto, a fome e a miséria de um proletariado mundial em pleno crescimento engendraram uma forma de guerra nova e

horrível, contra a qual os grandes sistemas militares se revelam impotentes.

Nenhuma polícia mundial será jamais demasiado forte para controlar o incêndio. Esta nova forma de doença política não poderá ser eliminada, a menos que sejam atacadas suas causas: fome, exploração, injustiça social.

Como vislumbra o papel do Estado na futura sociedade política?

Caber-lhe-á uma tarefa nova, para a qual não possuímos ainda as instituições apropriadas: o Estado deverá conduzir, através de meios democráticos, a grande massa de cidadãos, para a compreensão dos problemas mundiais e liberar as formidáveis energias intelectuais e morais que o mundo de hoje necessita.

E o poder religioso, e as religiões mundiais?

A ciência, a técnica, a economia, a administração e a política do mundo moderno são indiferentes frente à religião... Os símbolos de nossa época são os fornos crematórios, as armas atômicas, as bombas de napalm... O ópio dos povos pode ser também leigo e as ideologias imitam as velhas formas de domínio religioso: em lugar do prelado, temos o funcionário; em lugar do profeta, o propagandista; em lugar dos mandamentos divinos, as “palavras de ordem”. As ideologias se oferecem como sucedâneo da religião: asseguram o conforto intelectual e

desligam dos deveres implícitos nas antigas religiões.

Pode haver diálogo entre ciência e religião?

É como a conversa entre um mudo e um cego: o mudo não pode contar o que vê; o cego conta o que não pode ver.

Até aqui, as “reflexões à borda do abismo”, de um filósofo crítico de seu tempo, que quer adiantar-se ao tempo: “Meu pensamento filosófico básico é o *Tempo*”, dizia-me em uma de suas cartas (e sublinhava a palavra *Tempo*). Qual era a proposta de Picht para esse mundo futuro que ele vislumbrava além do horizonte de seu próprio tempo? Em poucas palavras: “uma nova racionalidade”.

Vejam esta proposta em apertada síntese:

- “Uma ciência à segunda potência que faça do conjunto de ciências especializadas o objeto de investigação e estude seus efeitos sobre nossa civilização.”
- “Política global, planetária, com instituições que ofereçam o marco adequado para o desenvolvimento de uma consciência social universal.”
- “Salto global da humanidade para um “novo humanismo”: A humanidade não poderá conquistar um porvir, a não ser por um esforço conjunto, espiritual e moral, do qual ainda não temos exemplo na história.”

Proféticas reflexões de Georg Picht “à borda do abismo”! Uma mensagem de esperança, sem dúvida, mas seu próprio *logos* reflexivo (sua racionalidade humanística) não pode dar resposta prática à visão intuitiva que se adianta ao tempo histórico: é o fracasso de todos os humanismos, de todos os

reflexionismos, de todas as filosofias políticas de “fim da história”, de todas as metafísicas da metafísica. Em resumo: fracasso do intelecto filosófico para desvelar a trama secreta do mundo e fracasso da práxis tecnológica para restabelecer a Ordem sagrada da vida. Este “fracasso” (se pudermos chamá-lo assim) é, em realidade, o limite, a *fronteira* do próprio “*logos* racional”.

Apagaram-se as luzes do teatro.
Tudo ficou em trevas.
O coração tomou a palavra.

**A REVELAÇÃO QUE PRO-VEM E
QUE HOJE SE OCULTA A NOSSO
OLHAR ...
MARCA A PAUTA, O RITMO, O
CÓDIGO
DA REVOLUÇÃO QUE VEM**

ANTES DE TODA PALAVRA, UM SILÊNCIO, UMA REVERÊNCIA, UM CANTO AO *LOGOS* QUE ADVÉM

Como reconhecer o *Logos* vindouro?

O que é ou quem é?

Não existe esse *Logos* “vindouro”, porque o chamado “*Logos* vindouro” já veio: já está aqui, entre nós, *em* nós. E não é um “o quê” nem um “quem”. Não é uma figura de linguagem: é um *dom* da Vida.

Quando Cristo na cruz exclama:

“Tudo está terminado” (e, inclinando a cabeça, entrega o espírito, Jo. 19:30),

pode-se, acaso, perguntar o que seja esse espírito e a quem o entrega?

E, quando o Mestre diz: “*Já vos ensinei tudo o que tinha a ensinar*”, pode-se perguntar o quê (ou quem) vem depois?

Se “tudo” está terminado, se “tudo” nos foi ensinado, não há um “depois” que possa ser nomeado. Os filósofos da “morte de Deus” diriam: “fica o nada”. Eu digo: fica simplesmente a Retirada, não como “nada”, mas como mistério: “movimento inverso” da Palavra criadora. Dito de outro modo: a própria Retirada *é* agora a Mensagem, mas não como esperança de uma “segunda vinda”, “outro” deus, “outro” mestre, “outro” mensageiro, “outra” doutrina, “outra” igreja e sim, como algo muito *simples*: como *dom* da Retirada.

Mas, o que *é* um Dom? Não sei. Aqui, acabam para mim “todas” as palavras. Não tenho “outra” coisa a dizer. Só me

fica a-guardar que o próprio *dom* que recebi, no instante da Retirada, me *dê* sua própria Palavra.

De tudo isto, falou-se muito: sem entender nada. Eu tampouco o entendo. A única coisa que posso dizer, porque assim o sinto, é:

que até 1968, ainda acreditávamos poder transformar o mundo; e que agora, é mais difícil: porque toda a Terra está ocupada.

AGORA É MAIS DIFÍCIL: TODA A TERRA ESTÁ OCUPADA

É “outra” a *natureza* da guerra.

São “outros” os *senhores* da guerra.

É “outro” o *lugar* da guerra.

A “catástrofe” já ocorreu. Já cruzamos o ponto crítico de flutuação de todo um sistema de valores. Não estamos em uma época de transição, como se costuma dizer; a transição de fase já se produziu: mudou a polaridade do eixo espiritual do mundo. Já vivemos em “outro” mundo: mas a noite foi longa e ainda não despertamos.

O tempo de “reflexão à borda do abismo” chegou a seu fim. Já não temos mais tempo: o não-tempo do abismo devorou o tempo do homem.

Toda a Terra está ocupada. Retiraram-se os sacerdotes e os guerreiros (as duas primeiras castas, no eixo simbólico da sociedade tradicional): só ficam os mercadores (a terceira casta) e o novo proletariado do mundo. E os mercadores ditaram a lei e tomaram em suas mãos a condução da Terra. Perdemos a guerra (“a boa guerra”, como diria Nietzsche). Já é tarde para a revolução. Onde está a vanguarda?

Não está aqui,
retirou-se.

Mas a guerra não terminou.

É “outra” guerra:

“Outra” a *natureza* da guerra.

“Outros” os *senhores* da guerra.

“Outro” o *lugar* da guerra.

Mas, por que falo de “guerra” e não de revolução tecnológica, confrontação de forças *Arkhe*/típicas que transcende todos os marcos teóricos que tínhamos até agora, para medir a guerra? Dito de outro modo: a *natureza* da guerra, os *senhores* da guerra, o *lugar* da guerra, enquanto figuras conceituais para interpretar a guerra, mostram-se insuficientes para aceder ao “código de sentido” da guerra. E, quando digo que a vanguarda “se retira”, não quero significar que essa vanguarda se retire para “outro” lugar, para formular desde esse “outro” lugar, “outra” teoria da guerra, senão que, desde o Mesmo lugar (lugar de vanguarda), a Vanguarda fala em outra língua:

Já não fala o *logos* dialético,
fala o fermento profundo da vida.

O “guerreiro sagrado” já não fala pela boca da teoria da revolução, senão que opera com a força primigênia da Revelação: a modo de “molécula analógica”, na cadeia de Trans-missão Gen-ética da grande corrente da Vida.

O próprio *Logos* de fogo que no alto do monte
grava a Lei em tábuas de pedra,
in-screve seu Código Gen-ético
em nossa biologia molecular.

Não podemos apresar este “*Logos* de fogo” (que já não é o *logos* grego) nos parâmetros da lógica do tempo, nas imagens emblemáticas dos antigos deuses, nas representações ideológicas dos modernos mitos, nos símbolos de línguas sagradas que já ninguém entende. No entanto, dissemos mais

de uma vez (porque o pre-sentimos) que entramos em uma era de advento. Sim, mas também me animo a dizer que:

Ainda não há suficiente Escuridão
para reconhecer a Luz que vem.

Paradoxo da Re-velaçãoRevelada!

“Apressem-se, que o bom dura pouco!”, havia-nos dito o Mestre, no dia anterior a sua Retirada. Eu não compreendi, naquele momento, o quê (ou quem) era aquilo que ele chamava de “o bom”. Hoje, estas palavras ressoam em meus ouvidos com um sentido (“som”) diferente; não voltam como lembrança do passado, mas como palavra *A-nunciadora*: como “som” que se antecipa ao *logos* de todas as palavras. Dito em outros termos, já não vem como onda de memória, como algo que “foi dito” por um mestre, em algum momento do tempo, senão que é algo *vivo*, que está acontecendo agora, neste mesmo instante. O *Logos* “que *não-é* do tempo” me diz que “me apresse” a *traduzir* “aquilo que me diz” no *logos* “que *é* do tempo”, porque “isso que me diz” é de “passagem fugaz”. Já não escuto (como recordo) as palavras de um mestre, senão que ouço o ritmo, o pulsar, o Canto da Grande Sin-fonia cósmica que fala além das palavras de todos os mestres.

Cheguei a reconhecer instantes privilegiados, nos quais “não sou eu quem fala”, senão que a “Língua Mãe fala em-mim”. O que me diz? Que dê albergue (matriz) ao Verbo, que lhe dê corpo, que o deixe nascer *em-mim*, que o pronuncie com minha própria palavra. Já não é outra palavra: é outra função – um recém nascido.

Fisiologia nascente!

O meio cósmico variou

O sol já não é o mesmo. Tampouco vivemos no mesmo corpo. Milhões de seres humanos sobre a Terra estão experimentando profundas mudanças em suas funções orgânicas: transformismo evolutivo? O tempo interno da matéria já não é o mesmo: em um sistema de não equilíbrio, flutuações mínimas na biologia molecular podem desencadear “tempestades fisiológicas” de imprevisíveis consequências. O ritmo da mente tampouco é o mesmo. Sem dar-nos conta, passamos de um cérebro físico a um cérebro eletromagnético e de um coração mecânico a um coração místico: a nova mente é mais limpa, boa parte de sua memória racional foi transferida para circuitos eletrônicos: agora, podemos pensar-sentindo e a vida cósmica começa a fazer-se acessível a nossa consciência profunda. Claro que estas funções nascentes, precisamente por serem “nascentes”, escapam-nos das mãos. Ainda não temos uma ciência-orientadora que possa conduzir adequadamente o desenvolvimento orgânico destas “primeiras” flutuações de uma matéria-mente recém nascida.

Sem a “enzima” catalisadora,
milhões destes primeiros “germes de luz”
morrem todos os dias,
em um planeta que se tornou adverso à vida.

Isto já o sabíamos, em escala de laboratório físicoquímico: “Um importante resultado geral da termodinâmica de não equilíbrio radica em que as estruturas dissipativas nos sistemas químicos só se produzem se existirem etapas catalíticas”, diz Prigogine. Também o sabemos hoje, pelas investigações no laboratório social: milhões de crianças no mundo ficam afetadas em seu desenvolvimento psicoespiritual (quociente intelectual baixo), por falta de

estímulo intelectual, social e afetivo. E, o que acontece na etapa que temos à frente, com o desenvolvimento da consciência cósmica? Também fazem falta aqui, “enzimas catalisadoras”, pais e mães espirituais que, com seu amor e energia, apoiem o recém nascido para que possa sustentar-se e crescer no vazio, sem cair.

O Mestre já nos havia dito: “Apressem-se, que o bom dura pouco”. E, surge inevitavelmente a pergunta: apressar-se a quê? Apressar-se a “fixar” na matéria, o *dom* primordial da força criadora. Para que essa “primeira” vibração nascente nos pertença de verdade, para que se torne “função”, para que se transforme em *vida*. Para que o Verbo não seja só ideia, mas ação, não só esperança na alma, mas “fermento” na matéria. Para que a ensinança recebida se transforme, nas mãos do homem, em força de liberação e não em novo ópio dos povos. Dito em outros termos: esta In-corporação do *Logos* nas moléculas da vida é a “chave Gen-ética” para pôr em movimento a organização espiritual e social do mundo que vem.

O que posso fazer (com minha pequena vontade humana), quando sou “tocado pelo fogo dos deuses”? Só acompanhar a revolução nascente, com minha oferenda e sacrifício: para que o fogo não se apague; para liberar pelo menos uma parte dessas “formidáveis energias intelectuais e morais que o mundo de hoje necessita”, tal como o proclamava Georg Picht.

**O sol Não-ilumina...
Meu coração A-sombra**

.....

**É hora de retirar-se
para custodiar o Lume**

CUSTODIAR O LUME

Para que o sacrifício não seja inútil

Não me é fácil chegar ao centro de meu coração, porque apenas dou os primeiros passos, sai a meu encontro o *logos* da reflexão.

A humanidade foi levada ao extremo do
“sacrifício da matéria”,

mas os sábios da Terra não ouvem:

e continuam com sua dialética de
novos paradigmas e modelos alternativos.

A casa está se incendiando e nós continuamos discutindo sobre a teoria do “flogisto”.

Sacrifício da matéria?

Sim:

pelo desemprego, a miséria, a fome;
pelas enfermidades de autoimunidade;
quando a vida se volta contra a vida;
pela deterioração do patrimônio genético;
pela profanação do sagrado.

Poderosas forças do Destino nos levam mais baixo que o baixo. Quando à borda da “Noite escura da alma” esperávamos a iluminação do espírito, de repente tudo se fez trevas e penetramos na

Noite escura da matéria

Mais para baixo ou mais para dentro? É a Mesma coisa. É o mesmo Sacrifício da Matéria; a mesma transmutação alquímica da vida.

Para que o sacrifício não seja inútil, só nos fica custodiar o *lume*: para voltar a acender o fogo.

TRANSFIGURAÇÃO IN-VERSA

Chegamos à hora da
Verdade.
Vimos a face
Escura
da Luz.

Dupla face da Revelação:

O Evangelho nos fala da transfiguração no “monte alto”:
“Brilhou seu rosto como o sol e
suas vestes se tornaram brancas
como a luz” (Mt. 17:2).

A biologia molecular nos mostra a transfiguração no
“monte baixo”:
os retrovírus, o rosto macabro
das moléculas assassinas, a face
escura do genoma.

O eixo do mundo
é também
o eixo de nosso próprio corpo.

Procurávamos a *saúde*: “¡Ay, quién podrá sanarme!”, e subimos ao cume do monte para ouvir mais de perto a mensagem das estrelas. E as estrelas escutaram nossa dolente voz, e nos trouxeram mais para baixo, para que víssemos mais de perto, nossa própria sombra. E conhecemos a raiz do Mal e vimos que estávamos mais doentes do que havíamos pensado.

O programa Genoma Humano, uma das obras gigantescas empreendidas por nossas equipes científicas de investigação,

em escala planetária, convida-nos a uma dupla leitura e a uma tomada de posição.

Leitura técnica:

*Reparemos os genes
danificados: engenharia
genética, clonagem, oficina de
medicina ortopédica.*

Leitura mística:

*Não fiquemos no átrio,
penetremos no Templo,
levando na mão o lume:
transmutação alquímico-mística
da matéria; “Pois aquele que
quiser salvar sua vida, perdê-la-
á...”. (Mt. 16:25)*

Aqui, ganha-se perdendo:
paradoxo da vida espiritual. É o
caminho do porvir do homem. A
termodinâmica de não equilíbrio
se adiantou a nós: em certos
pontos críticos de “catástrofe”
do sistema, pode nascer algo
novo.

Já começamos a tomar consciência de que a reparação ortopédica do planeta tem seus limites, ainda com a melhor ciência e a melhor tecnologia. Existem danos ecológicos irreversíveis. Por outro lado, ainda os recursos econômicos dos países mais ricos do mundo não são suficientes para cobrir a “quarta onda” de desempregados, doentes e carentes de todo tipo, que reclama ajuda para sua miséria e desesperança.

Em certo momento crítico da história, foi dito que “a religião era o ópio dos povos”: e veio a revolução social e depois a revolução tecnológica. Mas, nem a revolução social nem a revolução tecnológica puderam “reparar” o Genoma da humanidade, danificado pelo fanatismo, pela ignorância e a vontade desmedida de poder sobre a natureza e a vida. Lembremos que Georg Picht já havia advertido que “o ópio dos povos pode ser também leigo e que as ideologias (não só políticas, mas também científicas) imitam as velhas formas de domínio religioso”.

E então? Então,

*“no me envíes más mensajeros
que no saben decirme lo que quiero”.*

Talvez a raiz essencial dos problemas do homem, nos caminhos do tempo, seja a mesma de todos os tempos, mas a estrutura de poder é diferente. O drama cósmico, que hoje sofremos sem compreender (tampouco compreendemos demasiado as alterações do campo magnético terrestre, pelo impacto das tempestades magnéticas solares), a flutuação de matéria/energia que vivemos, na fronteira entre o céu e a terra, é hoje de “outra” natureza e são “outros” os interlocutores históricos do Poder: à hegemonia do poder político-econômico, em escala mundial, corresponde – no próprio núcleo da matéria humana (*De Profundis*) – uma mudança qualitativa de consciência. Entre estes dois polos do eixo simbólico do mundo, começamos a pre-sentir uma flutuação/transfiguração de valores, que pode desembocar em uma nova con-figuração de forças da vida. Dito em outros termos: apesar da desproporção entre o poder do gigante Golias (um Moloch que o autor alemão K. Deschner tipifica como “americanização do mundo”) e a aparência indefesa do novo David (a massa de desempregados deserdados e desiludidos do mundo técnico) – a mínima flutuação, que começou em escala subatômica no coração do homem, pode desencadear (por “efeito *butterfly*”) um tornado de tais

proporções, que poderia quebrar a simetria do atual sistema de poder dos gigantes. De quê estamos falando, de “teoria da revolução” (em termos de filosofia política) ou de “equilíbrio interrompido” (em termos de biologia evolutiva)? Já o dissemos:

É “outra” a *natureza* da guerra.

São “outros” os *senhores* da guerra.

É “outro” o *lugar* da guerra.

É “OUTRA” A TEORIA DA REVOLUÇÃO

Já não estamos em 1848. O *Manifesto* de Karl Marx e Friedrich Engels era a primeira chispa de uma revolução político-social que comoveria as bases do poder econômico da antiga sociedade burguesa e incendiaria o mundo: “Proletários do mundo, uni-vos!”. E se abria o novo caminho, com uma das conquistas mais preciosas da classe operária: a jornada de trabalho de oito horas. Era a época da primeira revolução industrial (a “segunda onda”, em termos de Alvin Tofler). Hoje, estamos na crista da “terceira onda”. O “primeiro proletariado” levou a bandeira da revolução política até 1989 (a “queda do muro”); o “segundo proletariado” (a massa de desempregados do mundo informático) ficou com a jornada de “zero hora” e perdeu a revolução social.

E ficamos sem teoria da revolução! Mas, não sem o impulso revolucionário da Revelação.

Uma nova onda Pro-fética se in-screve na trama da história. Por que “pro-fética”? Porque é, *antes* de toda palavra, *antes* de toda filosofia da história, *antes* de toda teoria da revolução. A luz da Mensagem se antecipa à voz dos mensageiros: e ressoa no coração da matéria (*De Profundis*), *antes* que os sensores do sistema advirtam sua presença. Dito em outros termos: o silvo in-audível da “Serpente Emplumada” que ascende pela Árvore da Vida marca o caminho da Revolução do homem vindouro.

Ao chegar a este ponto, e *antes* de continuar “mais para cima”, impõe-se dar um salto “por dentro”: da linguagem conceitual, à palavra-símbolo. Porque no marco do novo *signo* do tempo, dá-se um salto dimensional: o Poder da revelação quebra os moldes da teologia dogmática e as novas funções da vida se adiantam à teoria da revolução. Esta Ideia força que se adianta ao tempo

é a Vanguarda!

“Outra” vanguarda: traz a mensagem gravada (in-scrita) nas próprias moléculas da vida. É outro “fermento”, outra “enzima”, outro “catalisador”. Outro “gene” (pro-gene): “molécula mensageira” de “outro” código Gen-ético.

A nova vanguarda, desde o coração da matéria vivente, opera a globalização dos mercados, a informatização da mente coletiva, a hegemonia mundial do poder político e econômico com a estratégia gen-ética de uma Yoga integral; trata-se de criar “outro” corpo: Corpo *Total*.

Já em *The Syntesis of Yoga*, Sri Aurobindo havia dado os primeiros passos para estabelecer a ponte (quebrada pela visão racionalista) entre os valores supremos do espírito e as funções sagradas do corpo. Mas, a partir de 1945, essa “Síntese” já não viria pelo caminho da filosofia espiritual, tampouco pelas teorias de “campo unificado” da ciência. Viria por comoção profunda da Vida. A própria Vida, no laboratório-matéria daqueles que não têm nome registrado na história, dos desarraigados da Terra, dos que desapareceram do tempo nas revoluções perdidas, dos que “foram ao deserto em busca do certo”... ali, na raiz da consciência profunda, o Poder da Vida havia “gestado” com essa “matéria” um novo *germe-substância*. Falo de “substância”, em sua significação simbólica tradicional: “coisa com que outra aumenta e se nutre e, sem a qual, acaba”; substância como fermento, enzima, pro-gene, que se instala subrepticiamente (sem ser notada) na própria trama da segunda natureza (sociotécnica), criada pelo homem para re-criar (com o homem) o Corpo espiritual-social da humanidade vindoura. Neste nível profundo, o “germe” revolucionário já não é ideológico e sim, gen-ético: não a “rebelião das massas” (no dizer de Ortega y Gasset) nem o “poder das massas” (em termos do marxismo revolucionário), mas o “poder do fermento na massa”: fermento que já não é visível porque penetrou nas

“entranhas” (*De Profundis*) da Mater-matéria. E, para esta “revolução-transmutação” da matéria humana, ficamos sem teoria da revolução.

Esta “revolução-sem teoria da revolução”, este “incêndio da matéria” que opera desde as próprias raízes da Árvore da Vida, tem seu próprio ritmo vibratório, sua própria linguagem hiero-glífica, seu próprio código Gen-ético, sua própria estratégia de poder. Quais são este “código” e esta “estratégia”? Poder-se-ia dizer que é um “sinal”, um pulso in-expansivo do coração da matéria, que antecipa, marca um ritmo, pre-figura uma função.

Flutuações mínimas, em um sistema instável, podem desencadear reações em cadeia de efeitos imprevisíveis: poder expansivo do sacrifício dos inocentes. Não vamos fazer a revolução, porque a Revolução já está entre nós, mas podemos acompanhá-la, dar-lhe vida: desde o poder político, a universidade, o exílio; desde o êxito, desde o fracasso; desde a expansão da inteligência, desde a mística do amor. Começamos a ouvir sinais anunciadores da Ideia, a pre-sentir a direção da Força, a vislumbrar a geometria da Obra.

Porém, para onde nos conduzem estes “sinais”? Que lugar queremos ocupar na construção do mundo que vem?

NA VANGUARDA DE INSUSPEITADOS ACONTECIMENTOS

É a voz, o sentir, o saber da humanidade que se adiantou a nós! Que se adiantou a nós, não só em ideias, mas em funções. Ou acaso, não nos demos conta de que muitas funções, órgãos (e organizações) de nosso corpo físico e social já não são instrumentos adequados para explorar as novas dimensões da vida? Ainda mais, não nos demos conta de que caminhando a grande velocidade pelo caminho da história, chegamos a um ponto de não retorno, de fratura de sentido da ordem do mundo? E não nos demos conta de que a partir deste ponto de bifurcação das águas, uma parte de nossa matéria viaja para trás no tempo?

Roçamos uma onda de consciência/tempo diferente; entramos em outra etapa da revolução, em outra fase da guerra. A raiz da violência que hoje comove o mundo não deve ser buscada por nós na “rebelião das massas”, mas no debilitamento (e, por momentos, na corrupção) do eixo hierárquico do poder: quer se o chame de poder político, sindical ou espiritual. Em um interessante artigo, assinado por Jorge Castro, “As múltiplas guerras da pós-guerra fria”, o autor esboça o novo paradigma, citando Thomas Hobbes: “Não é a guerra civil a que provoca a quebra dos Estados e sim, a quebra dos Estados é a que provoca a guerra civil”. E eu faço a seguinte reflexão: as velhas universidades já não têm suficiente sabedoria para canalizar criativamente o tremendo poder liberado no mundo moderno. As novas Igrejas não têm suficiente santidade para guiar os peregrinos que cruzaram a barreira cósmica. O Estado burocrático não tem suficientes recursos para assistir os enfermos que ficaram à margem da vida.

Não é a primeira vez que se constrói uma *Arkha* (uma *Thebah*), portadora de “germes de vida”, para um novo início. É “outra” vanguarda. Já não uma vanguarda política,

mas *cosmogônica*: vanguarda que vem desde “outro” lugar, com “outro” poder, falando “outra” língua, com “outra” missão. É uma Vanguarda que “desce” (como a “arca que se assentou no monte Ararat, na retirada das águas”, Gên. 8:4). Não é fácil esta transposição do pensamento, de uma vanguarda política a uma vanguarda Gen-ética: aqui, a reflexão cede passagem à visão. Mas, o *logos* reflexivo continua perguntando:

Outra vanguarda? Ou a mesma Vanguarda, o mesmo Verbo, mas em outro lugar e em outro tempo?

O mesmo Verbo (a mesma Vanguarda)

que tomou a *mão* de Moisés
para escrever o Sepher,
transcrevendo o Sopro divino
criador, em hieróglifos de
língua sagrada

fala hoje, em nosso *coração*,
por trás do véu-ritmo de
intuições primordiais.

O mesmo Verbo (a mesma Vanguarda)

que anuncia sua chegada como
divino Mensageiro: “E o Verbo
se fez carne e habitou entre
nós” (Jo. 1:14)

ressoa hoje em nossa biologia
molecular como Código
análogo de funções sagradas
da vida.

O mesmo Verbo (a mesma Vanguarda)

que traçou a geometria
simbólica da catedral de

Chartres, gravando a sabedoria
do universo no livro sonoro da
pedra

volta hoje para delinear as
ideias mãe nos paradoxos da
ciência, ensinando na
universidade/Templo do
homem, para estender a ponte
entre os ramos da Árvore do
Conhecimento e as raízes da
Árvore da Vida.

O mesmo Verbo (a mesma Vanguarda)

que inspirou os redatores do
“Manifesto aos Proletários do
Mundo”, levando-os a
denunciar a injusta distribuição
da riqueza, a degradação da
força do trabalho, o
embrutecimento do homem
volta hoje a sustentar – mais
ainda, a dar corpo (encarnar) –
as correntes sociais e espirituais
mais avançadas dos povos da
Terra: para que o homem “não
seja só carne”, nem só “massa”,
nem só “máquina”.

O mesmo Verbo (a mesma Vanguarda)

que nas épocas mais obscuras
da história, tomou a espada do
guerreiro para cortar de um só
golpe, as correntes opressoras
da dignidade humana

volta hoje com outra Investidura, outra hipótese de conflito, para travar outra epopéia de liberação: pôr em liberdade as forças do homem, encadeadas a um obscuro materialismo, negador da vida.

O mesmo Verbo (a mesma Vanguarda)?

.....

Digo este mesmo Verbo (esta mesma Vanguarda), como última tentativa de apoiar-me na significação de termos já cunhados pela tradição filosófica, social e espiritual do Ocidente, sabendo de antemão, que o impacto da Força que hoje comove a vida inteira do planeta, ultrapassa todos os marcos doutrinários que tínhamos até agora, para decifrar o signo do tempo. O que nos fica então, como sinal ou guia, para navegar no espaço recém aberto? Só nos fica escutar a ensinância que flui do próprio acontecimento. E o que me diz o Mensageiro, quando já derrubou a porta e penetrou em minha própria casa? Diz-me que não espere “outro” Verbo ou “outra” Vanguarda, e que eu-Mesmo serei o Verbo e a Vanguarda, se me dispuser a tomar em minhas mãos a força do Verbo e da Vanguarda.

PRINCIPIUM CONSUMMATUM

O que era, *é* e será no Princípio,
também *é* no Fim.

Já não temos mais tempo.
Virá o século XXI, o terceiro milênio
e outros milênios...

Mas, nosso tempo *é* outro.

Já não estamos aqui,
mas tampouco estivemos nunca em nenhum outro lugar.

Os mensageiros da Revelação
são também os custódios da Revolução.

E voltam na idade obscura
com o lume na mão...

.....

Para manter abertos os caminhos
que conduzem à Fonte da vida.

Para que não nos roubem a alma do povo.

Para que o “fermento”
não seja devorado pela massa.

Buenos Aires, Argentina, 3 de março de 1997